

423
SERMAM
DE S. IOAM
BAPTISTA
NA PROFISSAM

Da Senhora

MADRE SOROR MARIA DA CRUZ,

Filha do Excellentissimo

DVQUE DE MEDINA SYDONIA,

SOBRINHA DA RAYNHA N.S.

Religiosa de Sam Francisco.

No Mosteiro de Nossa Senhora da

Quietação, das Framengas.

Em Alcantara.

Esteueo SANCTTISSIMO SACRAMENTO exposto

Assistiraõ suas Magestades, & Altezas.

PREGOVO O P. ANTONIO VIEIRA
da Companhia de IESV. Prêgador de S. Magestade

EM LISBOA. COM TODAS AS LICENC, AS.

Na Officina de Domingos Lopes Rosa. Anno 1652

Elisabeth impletum est tempus pariedi, & peperit filiū;
 & audierunt vicini, & cognati eius quia magnifi-
 cavit Dominus misericordiam suam cum illa, &
 congratulabantur ei. Et venerunt circumcidere
 puerum, & vocabant eum nomine patris sui Zacha-
 riam. Et respondens mater eius dixit: Nequaquam
 sed vocabitur Ioannes. Luc. cap. 1.

SENHOR.

Faculdade de Filosofia
 Ciências e Letras
 Biblioteca Central



O dia em que nasce a Voz de Deos, ju-
 stamente emudecem as vozes dos ho-
 mēes. Admirações emudecidas são a re-
 torica deste dia: *mitati sunt uniuersi*; pas-
 mos, & assombros são as eloquências de-
 sta acção: *Factus est timor super omnes vici-
 nos eorum*. He dia hoje de fallarem os co-
 rações, & de callarē as linguas: por isso a
 lingua de Zacharias emudeceu por isso os corações dos
 Montanheze fallauam: *Posuerunt in corde suo dicentes*. E se
 em qualquer dia do grande Baptista he perigoso o fallar,
 & os discursos mais discretos são os que se remetem ao
 silencio; que será hoje no concurso de tantas obrigações
 em que as cousas do temor, & os motiuos da admiração se
 vê tam crecidos? Se toda a razam dos assombros no naci-
 mento do Baptista era verem que dava Deos a hũa alma a
 mão de amigo: *Et enim manus Domini erat cum illo*; Quanto
 mais deue assombrar hoje nossa admiração ver q̃ dá Deos
 a outra alma a mão de Esposo: *Et enim manus Domini erat cū
 illo*? Bem sei que disse Origenes, que dar Deos a mão ao
 Baptista foy desposarse com sua alma: mas muito vay de
 desposorio a desposorio, porque vay muito de lugar a lu-
 gar. Desposarse Deos nos desertos he cousa ordinaria: mas

Origen.

despolar-se Deos nos palacios: Deos desposado no Paço!
Marauilha grande! He caso este em que acho contra mim
todas as escrituras.

- Se lermos o Profeta, Oseas acharemos, que querendo
Deos despolar-se com hũa alma, disse, que a levaria primei-
Osee 2. ro a hum deserto: *Ducā eam in solitudinē, & loquar ad eam.*
Se lermos o Profeta Jeremias, acharemos, que lembrando
Deos a Hierosalem o tēpo, que com ella se desposara, a l-
Jerem. 2. vertio que fora noutro deserto: *Charitatem desponsationis tuae*
quando sequuta es me in deserto. Se lermos os Cantares de Sa-
lamaõ acharemos, que os desposorios daquela alma, sobre
todas querida de Deos, nũ deserto se trataraõ, noutro de-
Cant. 3. sertõ se conseguiraõ. *Qua est ista qua ascendit per desertum:*
diz no cap. 3. *Qua est ista qua ascendit de deserto innixa super*
Cant. 8. *dilectum suum:* diz no cap 8. Mas para que he multiplicar
escrituras, se o mesmo Elpolo que está presente nos pede
escutar a proua? O misterio em que Deos mais propriamē-
te se desposa com as almas he o Sacramento soberano da
August. Eucharistia. Porque nelle (como gravemēte notou S. Ago-
stinho) por meo da união do Corpo de Christo se verifica
entre Deos, & o homē: *Erunt duo in carne una.* E se buscar
Genes. 2. mos os lugares em que Deos figuratiuamente celebrou
estes desposorios, acharemos q̃ os principaes, assi no velho
como no nouo testamento, forão desertos. A principal fi-
gura do Sacramento no testamento velho foi o Mana, du-
Ioan. 6. rou quarēta años, & todos foraõ de deserto: *Patres nostri mā-*
dauērunt Manā in deserto. A principal figura do Sacramē-
to no testamēto nouo, foi o milagre dos cinco paēs eo mi-
lagre dos sete, & ābos socederam no deserto. *Desertus locus*
Marc 6. *est, & non habet quod māducēt. Vnde eos quis potest hic saturare pa-*
Marc. 8. *nibus in solitudine?* Pois qual he a razão (para q̃ mais fundada-
mente nos admiremos) qual he a razão porque se desposa
Deos nos desertos sēpre? Não he o Monarcha vnica: saldo
mũdo, não he o Principe eterno da gloria? Pois já q̃ hade
despolar-se desigualmente na terra, porque não busca es-
posa com menos desigualdade nas Cortes, & nos paços
dos

dos Reys, senam nos desertos, & nas soledades?

A razão he, porq̃ esposa com as qualidades de q̃ Deos se agrada, não se acha nos palacios, achase nos desertos. O Sacramento nos fundou a duvida; S. Ioaõ nos fundará a resposta. Fez Christo hũ Panegirico do Baptista (q̃ de tão grã lesgrito sô Deos pode ser bastãte orador) as palauras foraõ poucas, a sustancia muita, & começou o Senhor assi. *Quid Luc. 7 existis in deserto videre? Hominẽ mell. bº vestitũ? Ecce qui mollibus vestiuntur in domibus regũ sũt.* Sabeis quẽ he Ioaõ, esse a quẽ todos sabis a ver (diz Christo) He hũ homẽ q̃ viue no deserto: não he dos homẽs q̃ viue no Paço. Notae el dizer! Pois Senhor, este he o thema q̃ vòs tomais para prẽgar do Baptista? Quando quereis cõcluir q̃ he o maior dos nacidos, fundais o Sermão em que viue no deserto, & não viue no Paço? Si Toda a perfeiçãõ relumida consiste, como dizem os Theologos: *In prosecutione & fuga*, em seguir, & em fugir: em seguir a virtude, & em fugir ó vicio. Por isso os preceitos ecclesiasticos, e diuinos, hũs sãõ positivos, outros negativos; os positivos q̃ nos mãdãõ seguir o bẽ, os negativos q̃ nos mãdãõ fugir ó mal. Pois para Christo resumir a poucos fundamentos toda a perfeiçãõ do Baptista; q̃ fez? Disse q̃ era hũ bonẽ, q̃ seguia todo o bẽ, & q̃ fugia de todo o mal. E para dizer q̃ seguia todo o bẽ, disse, q̃ vivia no deserto, para dizer q̃ fugia de todo o mal, disse, q̃ não vivia no Paço. Explicoulhe Christo a vida pelo lugar, & para dizer quẽ era disse onde moraua. Ainda não digo bẽ. Para dizer quẽ era disse onde moraua, & onde não moraua. Para dizer q̃ era homẽ do Ceo, disse q̃ moraua no deserto: para dizer q̃ não era homẽ da terra, disse q̃ não moraua no Paço. E q̃ estãdo os Paços dos Reys da terra tão mal reputados com Deos, que aquelle Senhor, que sô se desposaua nos desertos, hoje o vemos desposado em Palacio! Marauilha grande.

Mas qual será a razão desta marauilha? Qual será a razão, porq̃ Deos, q̃ sô se desposaua nos desertos, hoje se desposa no paço? A razão he; porq̃ o paço das Rainhas de Portugal he paço cõ propriedades de deserto. Deos cõmumete

Iob. 3.

desposase no deserto, porq̃ não acha no deserto as condi-
ções do Paço hoje desposale no Paço, porq̃ achou no Paço
as condições do deserto. Quando a Iob no meo de seustra
bulbos lhe pareceria melhor a morte q̃ a vida, entre as quei-
xas que fazia della disse desta maneira. *Et nunc requiescerē
cum Regibus, & Consulibus qui edificant sibi solitudines*: Se eu
fora morto e stiuera agora descãçado entre os outros Reis
& Principes que edificã desertos Notauel modo de fal-
lar! *Cum Regibus qui edificant solitudines* Reis que edificã
desertos, Se diuera Reis que edificã palacios, bẽ e stiuera,
mas Reis que edificã desertos! Os desertos edificam?
Antes desfazendo edificios he que se fazem desertos. Pois
que Reis sã estes, que ticcão os termos a Architectura,
que Reis sã estes, q̃ edificã desertos? Sã aquelles Reis

Greg. Pap.

(diz S. Gregorio Papa) em cujos Paços Reaes de tal ma-
neira se contemporiza cõ a vaidade da terra que se trata
principalmente da verdade do Ceo; & paços onde se serue
a Deo como nos hermos, não sã paços, sã desertos. *Qui
edificant sibi solitudines*. Bem lito, que edificã, porque nã
duas maneiras de edificar: edificar por edificio, & edifi-
car por edificação. O edificio faz dos desertos palacios, a edi-
ficação faz dos palacios desertos. Hũ paço õnde se serue a
Deos he hum deserto edificado. Paço õnde sõ Deos se ser-
ue, & o mundo sõ se contemporiza: õnde a clausura com-
pete com a das Religioes: õnde das galas sã dissimulaçam
do uicio: õnde se a licença do gaãteo, a liberdade dos laraos
& outras mal entendidas grandezas sã exercicios de es-
pírito: õnde sair do Paço para o nũciado mas he mudar
de casa que de vida; Este termo cortezãõ não lhe cha nem
Paço, chamem lhe deserto. *Qui edificant sibi solitudines*. Lá

Socrat.

disse Socrates do Emperador Theodosio segundo, que fo-
ra tão religioso principe, & tão reformador da Casa Real,
que conuertera o Paço em Mosteiro. *Palatium sic disposuit,
ut haud alienum esset à Monasterio*. Esta conto eu entre as
grandes felicidades do nosso Principe, que Deos guarde,
& a tenho ainda por maior, que a de outro Theodosio. O

outro

outro Theolofio fella, o noffo achoua: o outro criou esta reformaçãõ, o noffo criou a nolla. O que grandes fundamẽtos para tão grandes esperanças! E como no Paço de Portugal tem o Ceo tantas prerogatiuas de deserto, que muito, q̃ Deos costumado a se desposar nos desertos o vejamos hoje desposado no Paço? Ceffem pois as admiraçoẽs com as dos Montarhefes, rompa-se o silencio com o de Zacharias, & comecemos a fallar nesta acçãõ pois no dá licença o palmo: *Et apertum est illi os eius.*

Verdadeiramente que me vi embaraçado no concurso das obrigaçoẽs de hoje, porque sãõ todas tão grandes, que cadabũa pedia o Sermon todo. Para nam errar aconheime com o mesmo S. Ioaõ Baptista, & seguirei sua doutrina. *Qui habet sponsam sponfus est, amicus autem sponsi gaudio gaudet.* Eu sou amigo de Christo. (Diz S. Ioaõ) a esposa he do esposo, a festa he do amigo. Assim seja. A festa será de S. Ioaõ, o dia será da Esposa, & o Euangelho se accommodará tanto a hum, & a outro, que pareça que he de ambos. Vamos com elle, sem nos apartar hum ponto.

Ioann. 3.

Elisabeth impletum est tempus pariendi; & peperit filium. Isabel dipois de cõprido o tempo dos nouem mezes foi mãy de hũ filho. Aquella palavra *impletum est tempus*, depois de cõprido o tempo, pareceo superflua a alguns Doutores antigos. Não estaua claro que S. Ioaõ auia de nacer como os outros homẽs, passado o tempo que a natureza limitou para o nascimento? Pois porque diz hũa couza superflua o Euangelista, q̃ naceo S. Ioaõ depois de comprido o tempo: *Elisabeth impletum est tempus*? O Cardeal Toledo, & todos os Literaes dizem, que não foy superflua esta aduertencia senam muito necessaria; suposto que em S. Ioaõ se anteciparam tanto as leys da natureza, que aos seis mezes de cõcebido já tinha vzo de razão. E quem anticipou o vzo de razão tantos annos, podia se cuidar que tambem anteciparia o nascimento algũs mezes. Pois para q̃ se soubesse q̃ não foy assi, diga o Euangelista, que naceo S. Ioaõ depois de cheo, & comprido o tempo: *Elisabeth impletum est tempus.*

Toled.

Esta he a verdadeira intelligencia deste texto; mas quãto mais verdadeira, tanto mais funda a minha duuida. Que se diga que S. Ioaõ naceo comprido o tempo, porque não anticipou o nascimento, bem dito està: mas porque o não anticipou? Porque não anticipou o tempo do nascimento, assi como anticipou o tempo do vzo da razão? O vzo da razão, segundo as leys da natureza, auia de ser aos sete annos do nascimento, o nascimento aos noue meses da conceição. Pois se anticipou o vzo da razão tantos annos, porq̃ nam antecipou o nascimento algũs mezes? Porque o nascimento pertence à vida da natureza, o vzo da razão pertẽce à vida da graça; & nas materias temporaes o que costuma fazer o tempo, bem he que o faça o tempo: nas materias espirituaes o que costuma fazer o tempo, melhor he que o faça a razão. Para nacer ao mũdo, faça o tempo o que hade fazer o tempo: para nacer a Deos, o que hade fazer o tempo, faça a razão. Caminhaua Christo de Bethania para Hierusalem, vio no campo hũa figeira muito copada, chegou, & como nam achasse mais que folhas, amaldiçoou a. & nota o Euangelista S. Marcos (consa muito digna de se notar) que não era tempo daquella aruore ter fruto: *Non erat tempus ficorum*. Pois valhame Deos: pasmaõ aqui todos os Doutores Senaõ era tẽpo de fruto, para q̃ o foi Christo buscar? E se o nam achou, quando o não auia, porque castigou a aruore? Se a castigou, tinha ella obrigação de ter fruto. E senão era tempo, como tinha esta obrigação? Tinha esta obrigação (diz S. Chrysostomo) porque ainda que por ser Primavera não deuia frutos ao tẽpo, por Deos se querer servir della deniaos à razão. E as diuidas da razão nam bam de esperar pelos vagares do tempo. Para dar frutos ao mundo faça o tempo o que hade fazer o tempo: *Elisabeth impletum est tempus*; mas para dar frutos a Deos, o q̃ hade fazer o tempo, faça a razão: *Exultauit infans in utero*. Esta he hũa das excellencias, que eu venero muito entre as grandes do Baptista: ser hum homem em que fez a razão o que faz nos outros o tempo. Esperarem os annos pela,

pela razão isso acontece a todos, mas adiantar-se á razão aos annos, fazer a razão o que auia de fazer o tempo; isto só se acha no Baptista: se bem gloriosamente imitado hoje.

O que gloriosamente equiuocado temos hoje o anno: o Abril mudado em Setembro, & os frutos que auia de amadurecer o tempo, lazonados na razão! Quem podia fazer outono dos frutos, a primavera das flores, senam a esposa querida de Christo? *Flores appropinquant in terra nostra* *Cant. 2.*
Tempus putationis adueniat? Alli obedecem os tempos, onde alli domina a razão. Que já o mundo, & a vida não saib. ã enganar? Que vejamos tantos desenganos da vida em tão poucos annos de vida? Que he isto? He que fez a razão o que auia de fazer o tempo. Seguirem-se aos annos os desenganos he fazer o tempo o que faz o tempo: mas anticiparem-se os desenganos aos annos, he fazer a razão o que o tempo auia de fazer. Queixaua-se Marco Tulio que seu *Cicero* do os homens racionais, pudessem mais com elles o discurso do tempo, que o discurso da razão. Mas hoje vemos o dissenso da razão mais poderoso que o discurso do tempo. Que não bastassem nouenta annos para dar lizo a He *1. Reg. 3.* li, & que bastassem dezoito annos para fazer sezudo a Samuel? O que grande victoria da razão, contra a sem razão do tempo! Hũa velhice enganada, he a mayor sem rezam do tempo: Hũa mocidade desenganada he a maior victoria da razão. Que nam corte os cabellos Sara depois de pentear desenganos, & que os cabellos de Absalão *2. Reg. 18.* na idade de ouro sintão os rigores do ferro: Que enxugue *Luc. 7.* a Magdalena as lagrimas dos pès de Christo com os cabellos, mas que os não corte; & que haja outra Maria que ponha aos pès de Christo os cabellos cortados, com os olhos enxutos? Que Iacob na primavera dos annos *Gen. 48.* enterre a sua Rachel, he inconstancia da vida: mas que Rachel na primavera da vida se sepulte a sy mesma? Grande valor da razão. Dar a vida a Deos quando elle a tira, he dissimular a violencia, entregarlha quando

B

do

do elle a dà, he sacrificar a vontade: Quem dedica a Deos os ultimos annos, faz Christão o temor da morte; quem lhe consagra os primeiros, faz Religioso ao amor da vida.

As batalhas da razam com os annos he hũa guerra em q̃ resistem mais os poucos que os muitos. Deixaremse vencer da razão os muitos annos, não he muito: mas deixarêse vencer, & conuencer os poucos, grande poder da razam! E mais se considerarmos a resistencia fauorecida do ficio. Poucos annos, & nas montanhas (como eram os do Baptista) não he tanto, que senão defendão à força da razão: mas poucos annos, & em palacio, conuencidos, & desengañados! Graõ victoria. Offerreco el Rey David a Bercellai hũ grande lugar no paço, & elle que era já de oitenta annos, que responderia? *Octogenarius sum hodie non indigeo hac vicissitudine*. Respondeo que affaz tinha aprêdido em tâtos annos a desengañar se das Cortes, q̃ o deixasse o Rey viver retirado consigo, & tratar da sepultura; porê que aceitaua o lugar para hum seu filho que tinha de pouca idade: *Es seruus tuus Chamaam ipse vadet tecum*. Parece que se implica nesta accam o amor de pay, mas explica se bem o engano do mundo. Desengañaraõ a Bercellai os muitos annos proprios para não querer o Paço para si, & enganarão os poucos annos alheos para querer o Paço para o filho. Não sei que tem o Paço, e os poucos annos, que ainda quando o conhecem os muitos, não se atrenem ao deixar os poucos. Teue conhecimento para o deixar hum velho, não teue a nimio para o aconselhar a hum moço. Sendo mais facil de dar o conselho, que o exemplo, deu o exemplo Bercellai, mas não se atreueo a dar o conselho. Antes parece que se substituiu a pay nos annos do filho, para lograr na mocidade alhea, o que na propria velhice não podia. E q̃ não auendo valor na velhice pera deixarem totalmente o mundo, ainda aquelles, a quem o mundo deixa: que baja resolução na mocidade para meter o mundo debaxo dos pés, quem o mundo trazia na cabeça! O que bem se desafrenta boje a

natu

natureza humana. Lá dizia S. Paulo: *Mihi mundus crucifixus est, & ego mundo*: O mundo está crucificado em mi, e em el-
tou crucificado no mundo. Se o mundo estava crucifica-
do em Paulo, tinha o mundo viradas as costas para Paulo:
se Paulo estava crucificado no mundo, tinha Paulo vi-
radas as costas para o mundo. E que de eu as costas ao mū-
do, quando o mundo me vira as costas, não he muito. Mas q̃
quando o mundo me mostra bom rosto, dé eu de rosto ao
mundo; esta he a valentia maior. Que quando o mundo se-
ri de vós, vós choreis por elle; ò fraqueza! Mas que quando
o mundo se ri para vós, vós vos riáis delle, ò valentia!

He tão grande valentia esta, que sendo propria das for-
ças da razão não fiou S. Paulo o credito della, senão dos
poderes do tempo. Folla S. Paulo de Moyles, & diz assi: *Moyles grandis factus negavit se esse filium filia Pharaonis magis
eligens affligi cum populo Dei &c.* Moyles depois que foi de
maior idade, deixou o Paço del Rey Farão, deixou a Prin-
cesa, deixou quanto alli possuia, & esperava, escolheo vi-
ver pobre, & sem liberdade, com o povo de Deos no capti-
veiro do Egypto, O em que reparo aqui he, no *grandis fa-*
ctus que fez isto Moyles depois de ser de maior idade. E a
que vem agora aqui a idade? S. Paulo tratava da resolução
& não dos annos de Moyles. Pois se a resolução estava no
animo, & não nos annos porq̃ diz que era de mayor ida-
de Moyles, quando deixou o Paço, e se cativou por Deo.
Direi Moyles criar-se no Paço del Rey Farão desde mi-
nino, era todo o mimo, & favor da Princesa do Egypto, que
o adoptara por filho, & como tal era servido, & venerado
com authoridade, & magnificencia real. E deixar Moyles
a grandeza, & regalo do Paço, deixar o amor de hũa Prin-
cesa, deixar a cercania de hũa coroa, parececolhe a S. Paulo
q̃ não era façanha creiuel em poucos annos; por isso ajuntou
a resolução com a idade, para que a idade desse credito a
resolução. *Moyles grandis factus*. Como se dissera. Ninguem
duide esta galharda acção de Moyles, porque quando a
fez era já de mayor idade, bem cabia nos seus annos. Ora

seja embora a resolução de Moyses victoria do tempo, q̃ a grande acção q̃ nós celebramos hoje, cõ ser tão parecida em tudo o mais, não se pode gloriar della o tempo, senam a razão. Obrou aqui a força da razão, o que lá fez o poder do tempo: *Elisabet impletum est tempus.*

Et audierunt vicini, & cognati eius quia magnificavit Deus misericordiam suam cum illa. Tanto que nasceo S. Ioã (Iiz o Euangelista) focuse logo pelo lugar, q̃ engrandecera Deos sua misericordia com Santa Izabel: *Quia magnificavit Deus misericordiam suam.* Notauel dizer: Parece que não estã boa a consequencia do texto. O que scou pelo lugar, avia de ser o q̃ succedeo em casa de Zacharias. Succeder hũa cousa, & soar outra, isso acontece nas Cortes l'lonzeiras, & maliciosas, & não nas mōtanhas simples. O nosso Euangelho o diz: *Diulgabantur omnia verba haec.* q̃ o q̃ se diulgana era o mesmo q̃ succedia. Pois se o q̃ succedeo f' i nacer o Baptista *Elisabet peperit filiũ*, como diz o Euāgelista q̃ o q̃ soou foy q̃ engrãdecera Deos sua misericordia: *Et audierũt quia magnificavit Deus misericordiã suã?* Grande louuor do Baptista! Quando as vozes dizião em casa de Zacharias, que nasceo Ioão, repetiã os eccos nas mōtanhas q̃ Deos engrãdecera sua misericordia; porque quando Ioão sae ao mundo, augmentãose os attributos a Deos: quando Ioão nasce. Deos crece. Não he arrojamento, senão verdade muito chãa. Dis

leu o mesmo S. Ioão. & mais fallaua em seus louvores cõ grã le modestia, *Illũ oportet crescere me autẽ minui.* Importa q̃ elle creça, e q̃ eu diminua. Aquelle (elle) não se refere me nos, q̃ ao verbo humanado. Pois como ahi? Deos ainda em quãto humanado não pode crescer. Como logo diz S. Ioão *Illam rpirset crescere: imporra q̃ elle creça?* E dado q̃ pode se crescer, q̃ depẽ l'cia tĩha os crecimentos de Deos, das dimiuições do Baptista? Deos he grande sem depander de ninguẽ. Como diz logo: *Illam oportet crescere, me autẽ minui:* Importa crescer elle, & diminuir eu? He possiuel crescer Deos? E he possiuel q̃ o seu crescer depẽda do Baptista? Si: Porq̃ ainda q̃ Deos por ser infinito, ão pode crescer em si mesmo, por ser limitado o conhecimẽto, humano pode cre

cer

cer na nossa estimação. E na estimação dos homẽs, nẽ Deos
podia crescer sem diminuir o Baptista, nẽ o Baptista podia
diminuir sem Deos crescer. Ora vede como. O conceito q
os homẽs fazião de Deos antiquaõrẽ era tal, q quando o
Baptista appareceo no mudo, affectarãõ q elle era Deos Cõ-
forme esta resoluçãõ lhe forãõ offerecer adoraçõs ao de- *Matth. 11.*
serto, onde o mesmo S. Ioã os desenganou. E como o Bap-
tista, & Deos na opiniaõ dos homẽs, erãõ iguais; tão q por
seu teste munho se desfez esta opiniaõ: necessariamente cre-
ceo Deos, & o Baptista diminuiu. Diminuiu o Baptista por
q ficou menor q Deos: creceo Deos, porq ficou maior q o
Baptista. D: sorte, q depois q o Baptista veyo ao mudo ficou
Deos, para cõ os homẽs, maior do q iãtes era, porq dãtes era
como o Baptista, depois começou a ser maior q elle. Dõdele
iofere e grãde louuor deste grãde sãto, q a medida do Bap-
tista he ser menor q Deos, e a medida de Deos he ser maior
q o Baptista. Naõ tenbo menos abonado fiador, q S. Agosti- *S. August.*
nho: *Quisquis Ioanne plus est nō: autum homo sed Deus est.* Sabeis
quem he Ioãõ? He menor que Deos. Sabeis quem he Deos
he maior que Ioãõ. Com esta differença porem; que em
quanto S. Ioãõ o não disse, erãõ iguais, depois que o teste
munhou começou Deos ser maior. Que muito logo, que
creça Deos nos seus attributos, quãdo Sam Ioãõ nace no
mudo? *Et audierunt quia magnificauit Deus misericordia suam.*

Desta maneira creceo Deos naqllẽ tẽpo, e tãbẽ eu hoje,
se a cõsideraçãõ me não engana, o vejo muito crecido. En-
tão crece nas minguatẽs de Ioãõ, hoje crece nas mingua-
tes do mudo. Apareceolhe a Nabucodonosor aqlla tão re-
petida, & tão prodigiosa estatua; E vio o Rey, que tocan-
dolhe hũa pedra nos pés de barro, a estatua se diminuiu a
poucas cinzas, & a pedra creceo a grandez: de hũ monte.
Factus est mons magnus, & repleuit terrā Para entẽder esta fi- *Dan. 2.*
gura, q he enigmatica saibamos quẽ era a pedra, e quẽ a es-
tatua. Em sãto de S. Ambrosio, e S. Agostinho, a estatua *Ambros.*
era o mudo, a pedra era Deos. Pois se apertar he Deos, como *August.*
crece a pedra? Deos poe crescer? E se a estatua he o mudo
como diminue a estatua? O mudo diminuesce? Tudo lãõ

effeitos da estimação dos homens. Segundo a estimação q
fazemos de Deos, & do mundo, ou crece a estatua, & di-
minue a pedra, ou crece a pedra, & diminue a estatua. Se
pomos a Deos aos pés do mundo, crece o mundo, & dimi-
nue Deos, se pomos o mundo aos pés de Deos, crece Deos
& diminue o mundo. Deixar a Deos por amor dos nada
do mundo, he fazer a Deos menor que nada: mas deixar o
Psalm. 66 tudo do mundo por amor de Deo, he fazer a Deos maior
que tudo. *Accedet homo ad cor altum. & exaltabitur Deus.* Bê-
cito seja elle que de quantas vezes vemos a Deos tão pe-
queno, & tão apoucado nas Cortes dos Reys, o vemos hoje
tão grande, & tão crecido! Tão crecido, & tão acrecenta-
do está hoj Deos em sua grãdeza, quãtas são as grandezas
do mundo que vemos a seus pés arrojadas. A estatua de
Nabuco, na estatura representava grandezas, na materia
riquezas, na significação estados, & tudo isto abraçado em
fogo do coração se rende hoje em cinzas aos pés de Chri-
sto. Ninguém melhor sacrifica a Deos o mundo, que q
lho offerece em estatua. Porque o mundo em estatua he
ii. Reg. 17 muito maior que si mesmo. Para derrubar cõ hũa pedra ao
Golias bastou a funda de David, para derrubar com outra
Dan. 3 pedra a estatua de Nabuco forão necessarios impulsos (po-
sto que inuisiveis) do braço de Deos. O Golias tinha de al-
tura seis couados, a estatua tinha sessenta; que nas grande-
zas mais pompofas do mundo sempre são maiores os Gi-
gantes que as estatuas. Nunca as machinas vivas igualão à
medida das sonhadas. Sonha a fantezia, promete a esperã-
ça: profetiza o desejo, representa a imaginação: & ainda q
a soltura destes sonhos, o comprimento destas promessas
o prazo destas profecias, a verdade destas representações
nunca chegaõ; mais triumpho o amor diuino, quando piza o
fantastico, que o verdadeiro: o esperado, que o possuido.
Deixar antes de possuir he vsura de merecer; porque quẽ
mais dá, mais merece, & quem dá os bens na esperança dá
os onde são maiores. A melhor parte dos bẽs desta vida he
o esperar por elles: logo mais faz que se inhabilita para os
esperar,

esperar, que quem se priva de os possuir. Por isso Christo chamou os Principes dos Apostolos quando lançam as redes & não quando as recolhião: *Mittentes rete in mare*. Porque mais faz quem deixa as redes lançadas, que quem deixa os lanços recolhidos. As redes quando se lançam leuam em cada malha hũa esperança; os lanços quando se recolhem trazem muita rede vazia,

Mat. 4

O quantas, & quam bem fundadas esperanças ò quãtas & quam bem entendidas grandezas honraõ hoje escupindo o sacrificio os altares de Christo! Dezia São Paulo aos Romanos, que ninguém pôde dar a Deos senão o q Deos lhe der primeiro. Mas en vejo hoje hum espirito tam engenhosamente liberal, que auendo recebido de Deos tanto, ainda lhe offrece mais do que Deos lhe deu. Não ha duvida, que dos bens temporaes mais liberal he o mudo em suas promessas, que Deos em suas liberalidades. Não costuma Deos dar tanto, quanto o mudo costuma prometer. Bem se segue logo, que mais dà a Deos quẽ lhe dà as promessas do mundo, que quem lhe torna as dadiuas suas. Se dais a Deos o que Deos vos dá, dareis muito; mas se dais a Deos o que o mudo vos promette dais muito mais. O quão liberal està com Deos, quem dando!he as maiores grandezas, ainda busca arteficios de lhas dar acrescentadas! E que arteficio pode auer para acrescentar os bens, & grandezas do mundo? Eu o direi: Que nos exemplos desta acção não se pode deixar de aprender muito. Os bẽs, & grandezas do mundo falsamente se chamão bẽs, porque são males, e sem razão se chamão grandezas, porque são pouquidades. Pois que remedio para fazer das pouquidades grãdezas, & dos males bẽs? O remedio he deixalos, & deixalos em esperança; porque esses, que o mundo chama grandes bẽs, só são bẽs quando se deixam, & são grandes quando se esperam. A esperança lhe dá a grandeza, o desprezo lhe dà a bondade; desprezados são bẽs, esperados são grandes. E assi: mais dà quem despreza o que espera, que quem dà o q possui. De hũas, & outras de possuidas, & de esperadas grãdezas,

Ad Ro. 11

(São despojos as cinzas que hoje se rendem aos soberanos impulsos daquella pedra divina. O como desaparece a estatua? O como crece o monte. De nossas diminuições augmenta Deos suas grandezas, de nossos desprezos sua Magestade.

Apoc. 4. La vio Sam Ioaõ no Apocalipse aquelles vinte, & quatro anciãos, que tirando as coroas das cabeças lançauam aos pés do trono de Deos: *Mittentes coronas suas ante thronum.* Tornou a olhar o Euangelista, & vio, que Deos tinha muitas coroas na cabeça: *Et in capite eius diadema multa.*

Apoc. 9. Pois se as coroas se lanção aos pés de Deos, como tinha Deos as coroas sobre a cabeça? Porque tanto crece Deos em sua glória, quanto desprelão os homens por seu amor. As coroas na cabeça de Deos eram augmentos de sua glória: as coroas aos pés de Deos eram desprezos do amor dos homens, & com as mesmas coroas que arrojaua o desprezo humano, se authorizaua a Magestade divina: porque tanto crece Deos nos augmentos de sua grandeza, quanto as glórias que põe aos pés de Deos nosso amor. Digase logo, que crecen, & se engrandecem Deos hoje duplicadamente: hũa vez medido com Sam Ioaõ, outra vez medido com o mundo. Ser anteposto ao mundo, & ser preferido a Ioaõ, he crescer muito Deos em sua estimação, & engrandecerse muito em seus attributos: *Quia magnificauit Deus misericordiam suam.*

Et uenerunt circumcidere puerum Vieram circuncidar o menino. Suposto que o menino era S. Ioaõ, parece que o não auiaõ de circuncidar. A circuncisão naquelle tempo era o remedio do peccado original, como hoje o Baptismo. Pois se S. Ioaõ estava já livre do peccado original, se estava em graça de Deos, & santificado nas entranhas de sua mãy, porque se sujeita ao rigor da circuncisão? Porque ainda que a circuncisão não lhe tiraua o peccado original, de q̃ estava livre, acrescentaua-lhe a graça da justificação com q̃ nacera santificado. E esta he nos seruos de Deos a mayor fineza da virtude, sujeitaremse, a tomar para augmento da graça,

graça, os rigores que Deos deixou pera remedio da culpa. A circuncisaõ nos cutros honr.ẽs era remedio da culpa; em S. Ioão era sò augmento de graça; & seguitar-se S. Ioão para maior graça, nas izenções de innocẽte aos remedios de culpado! Grande acção: grande sacrificio. Falla Zacharias *Zach. 9* á letra do mayor sacrificio da ley da graça, o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia, & diz assi. *Quod bonum eius, & quod pulchrum eius nisi frumentum electorum & vinum germinans Virgines?* Que cousa fez Deos boa, que cousa fez Deos fermosa neste mundo, seuam o pão dos escolhidos, & o vinho dos castos? Que seja bom, & benissimo o sacrificio do corpo, & sangue de Christo Sacramentado, não auerá quem o negue. Mas que diga o Propheta, que não ha outro tam bom como elle: *Quod bonum eius, & quod pulchrum eius?* Nam sei como o auemos nõs de conceder. E para que não vamos mais longe: o sacrificio do corpo, & sangue de Christo na Cruz, nam he tam bom como o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento? He o mesmo sustancialmente. Pois porque diz Zacharias, que o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento he melhor que todos? A razão da ventagem eu a direi. O sacrificio do corpo, & sangue de Christo na cruz foy sacrificio para remedio de peccados: o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento, he sacrificio para augmento de graça. Ainda que em Christo não auia peccados proprios, nem merecia graça pera si; tinha com tudo tomado por sua conta a satisfacção de nossos peccados, & os meyes de nossa justificaçam. E que sacrifique tanto Christo na Eucharistia para augmento da graça, quanto sacrificou na Cruz pera remedio da culpa! que empenhe corpo, & sangue para augmentar merccimentos à innocencia, como empenhou corpo, & sangue para alcançar perdão ao peccado! he circumstancia de sacrificio tão releuante esta, q da mesma idetidade tira differenças, & da mesma igualdade vantagens. *Quod bonum eius, & quod pulchrum eius?* Tal foy o acto

da circuncisão do Baptista comparada com a dos outros filhos de Adam. O corpo, & sangue que os outros deram ao golpe da circuncisão para remedio da culpa, deu o São Ioão (que a não tinha) ò pera augmentos da graça; & que se facis que hum innocente, para crescer na graça ao que está foygeito o peccador para remediar a culpa! Grande acção do Baptista. Mas não foi sua só esta vez, nem sua sómente.

Duas innocencias temos hoje foygeitas aos remedios da culpa: ambas condemnadas ao rigor, & ambas ao habito da penitencia; q̃taes iniustias como estas sabe fazer o amor diuino. Cõdena innocencias como culpas, castiga merecimentos como delitos. Que fação grande penitencia os grãdes peccadores, he muito justo: que a penitencia he remedio do peccado. Mas que o Baptista se desterre ao deserto, se condene ao cilicio, se castigue com o jejum; minino, em que peccou vossa innocencia? Hum corpo deliado condemnado a tanta aspereza! Hũa alma innocente castigada cõ tanto rigor! Se o Baptista fora o mayor peccador, que auia de fazer senão isto? Mas isto fez, porque auia de ser o mayor Santo. Não pode chegar a mais o mais temeroso desejo da santidade, que fogitar-se aos remedios do peccado quem goza os priuilegios da innocencia. E carece S. Paulo o amor de Christo para com os homẽs, & diz desta maneira aos Corinthios. *Qui peccatum non nouerat pro nobis peccatum fecit*: Amou o filho de Deos tanto aos homens, q̃ não tendo conhecimẽto de peccado, se fez peccador por amor delles. Esta ha sentença! Christo não era innocẽtissimo, antes a mesma innocencia? Por razão da união ao verbo sua alma não era impeccauel? As mesmas palavras o dizem, *qui peccatum non nouerat*. Pois como pode caber delito na innocencia: como pode ser, que o impeccauel se fizesse peccador: *Pro nobis peccatum fecit*? Respõdo. O impeccauel não se pode fazer peccador de culpas, mas pode se fazer peccador de penas. Não pode cometer peccado quanto a culpa, mas pode se fogitar á pena do peccado como se o comete-

2.ª ad Corin

ra. Isto he o que fez Christo por amor de nós, & isto he o q
muito encarece S. Paulo em seu amor. *Qui peccatum non no
uerat pro nobis peccatum fecit.* Não pode o amor chegar a ma
yor extremo, não se pode adelgaçar a mayor fineza, que a
fazerse peccador nas penas quem he innocênte nas culpas.
Que o peccador de culpas se faça peccador de penas, bus
ca na penitencia o remedio de seu pec ad o: mas fazerse
peccador de penas o innocente de culpas, he buscar na pe
nitencia o desfogo de seu amor. A penitencia no pecca
dor paga, no innocente obriga: naquelle pelo que offendeo
neste pelo que ama. vede quaes agrada aõ mais a Deos, se
as satisfaçõs no offendido, se as obrigações de amado?

O igualmente amado, que amante Senhor! consenti os
termos da igualdade quanto entre o diuino, & humano se
permite, pois vemos hoje as finezas de vosso amor compe
tidas, como as diuidas de nossa obrigaçam desempenha
das. Hũa alma innocente de culpas, mas peccadora de pe
nas, hũa innocencia em habito penitente vós offerece ho
je a terra, elposo do Ceo; que estas são as cores de vosso
pensamento, estas as galas de vosso amor, estas as purpuras
de vosso Reyno. *Filia Babilonis induuntur purpura. & bisso,*
(dizia S. Bernardo em semelhante acçã a virgẽ Sophia)
*& subinde conscientia pannosa iacet: fulgent monilibus moribus
sordent. E contra tu foris pannosa, intus speciosa resplendes. sed di
uinis aspectibus non humanis. intus est quod delectat, quia intus est
quem delectat.* Nem a romancear me atreuo estas palauras.
porque em tanta differença de eleições, ou se hade topar
com o aggrauo, ou com a lijonja. *E contra tu* (só isto quero
repetir) *foris pannosa intus speciosa resplendes:* Pelo contrario
vós, ò elposa de Christo (diz S. Bernard.) como dentro tẽ
des a quem quereis aggradar, por dentro trazeis as galas:
por fora vestida de sayal, por dentro de resplandores. *Foris
pannosa, intus speciosa resplendes.* Verdadeiramente que quãdo
reparo nestas palauras me parece que vejo já sinaes do dia
do Juizo. Hum dos sinaes do dia do juizo será (como diz Apoca. 6.
S. Ioaõ no Apocalipse) *vestirse o sol de cilicio: Sol factus est
niger tanquam saccus cilicij.* E se já vemos vestido de cili
cio

D. Bern.

Apoca. 6.

10. 524

C. 2

cio o Sol, se mortificadas suas luzes, se penitentes seus resplandores debaixo da asperesa de tam grosseiros e clypse, que auemos de dizer? Que se acaba o mûlo? Que he chegado o dia do Juizo? Com muita propriedade se pode dizer: *aff*, porque melhor merece o nome de dia do Juizo aquelle em que o mundo se deixa, que aquelle em que o mundo se acaba. Quanto mais que tambem se acaba o mûlo para quem acaba com elle? Como cadahum de nós tem o seu mundo, o vniuersal acaba com todos o particular acaba com cadahum. E que muito que se *v. jio* fiaes do dia do Juizo em bñ alma para quem hoje se acaba o mundo? Mas perguntara eu ao sol, porque se veste de penitencia? Por culpas? Não; que o faz innocente a natureza. Pois porque? Para os olhos do mundo pôr luto, para os olhos de Deos pôr gala. Vestese de penitencia o Sol sendo innocête, porq não ha sacrificio mais fermoso a s olhos de Deos, q bñ innocencia illustre em habito de penitencia.

Genes. 3 Aquellas pelles de que Deos vestio aos primeiros, senhores do mundo estauão lhe muito mal a Adão, mas estauam lhe muito bñ a Abel. A Adam estauão lhe muito m l, porque eram habito de peccado com penitencia, a Abel estauam lhe muito bem, porque erão habito de penitencia sem peccado: em Adão erão habito de penitenciado, em Abel eram habito de penitête. Esta grande differença ha entre a penitência dos peccadores, & a penitencia dos innocêtes; q a penitência dos peccadores he remedio, a penitencia dos innocentes he virtude. Não quero dizer q os actos de penitência no peccador, & no innocente não se jão virtuosos sêpre. Sò digo q os peccadores tomaõ a virtude da penitência pelo q tẽ de remedio, os innocêtes tomaõ o remedio da penitência pelo q tẽ de virtude. Dõde se segue: q a penitência hõra os peccadores, os innocentes hõraõ a penitencia. A penitência hõra os peccadores, porq lhe tira a afronta do peccado, os innocentes hõraõ a penitencia porq lhe tiram a mistura do remedio. O ditoso Baptista, o ditosa alma imitadora vossa; ambos em habito de penitentes, & ambos hõradores da penitência. Ditofos vòs q fazeis trofeos de victoria os infimêtos do delagrauo, & gozais a prerrogatiua

de penitētes, sē o delar de arrependidos. Em vós he virtu-
de o q̃ nos outros he remedio, em vós eleição o q̃ nos ou-
tros necessidade. Sō em vós não he remedio do peccado a
penitēcia, sendo q̃ só a vossa penitencia poderá ser reme-
dio do peccado. Porq̃ offensas não merecidas, quaes são as
de Deos, sō se pagão cō castigos, não merecidos, quaes sam
os dos innocentes. O merecimento offendido só o pode sa-
tisfazer a innocencia castigada. O q̃ grande sacrificio para
Deos! O q̃ grãde lisonja para o Ceo! Lá disse Christo, q̃ faz *Luc. 15*
maior festa o ceo ao peccador penitēte, q̃ ao justo sē peni-
tencia. Pois se a innocēcia do justo agrada muito, & a peni-
tēcia do peccador agrada mais; quāto agradará aquelle ex-
cellente estado, q̃ abraça a perfeição de ambos, & ajunta a
penitēcia de peccador cō a innocēcia de justo? Isto he o q̃
fez o Baptista hoje na circuncisão sujeitando izenções de
innocēcia a remedios de peccado. *Et venerūt circūcidere puerū.*

Et vocabāt eū nomine patris sui Zachariam Feito o acto da
circuncisão tratouse de dar nome ao menino, & queriam
os circūstantes q̃ se lhe puzesse o nome de seu pay, & q̃ se
chamasse Zacharias Ouio isto S. Izabel, & disse: *Nequaquam*
por nenhū caso: não se hade chamar assi. E porq̃ razão? Por
q̃ não se hade chamar Zacharias o filho de Zacharias? Não
era nome sãto? Não era nome illustre? Não era nome autho-
rizado? Não era nome glorioso? Sy era, mas era nome de
pay. *Vocabāt eū nomine Patris sui.* E o nome dos pays quanto
mais illustre, quāto mais glorioso, tãto menos obade tomar
quē professa servir a Deos, como professaua o Baptista. No *Pf. 44.*
nome perpetuale a memoria dos pays; na Religião profes-
sale o esquecimēto delles: *Obliviscere populū tuū, & domū patris*
tui. E como o Baptista avia de se (como foi) primeiro fūda-
dor, & exēplar de Religiosos; não quiz prudēte S. Izabel, q̃
tomasse o nome de Zacharias; porq̃ não era justo q̃ conser-
uasse a memoria dos pays no nome, quē professaua o esque-
cimēto dos pais na vida. Quereis q̃ se chame Zacharias, por
q̃ he nome de seu pay? Alegais cōtra vós. Antes porq̃ he no-
me de seu pay, senão hade chamar assi. *Vocabāt eū nomine pa-*
tris sui Zachariā, & ait mater eius nequaquam. Que grandemē-
te imitado, se bem em parte excedido vemos hoje este

exemplo do grande Baptista. S. Lucas, porque escreuia para a memoria dos futuros, detene-se neste lugar em contar a genealogia dos pays de S. Ioão; eu que falo aos olhos dos presentes, não me he necessario determe em tão sabido, como tambem me não fora possivel em tão grandioso assumpto. Muito fez quem deu o nome de Zacharias, authorizado alfin com hũa teara; mas muito mais faz que deixa o gloriosissimo nome de Gusmão (glorioso no ceo, & na terra) cujo real, & escla recido sangue se teceo sempre nas purpuras de toda Europa; & hoje com mais gloria que em nenhum outro Reyno (posto que com igual magestade em tantos) o vemos felizmente coroado & veremos em immortal descendencia, no nobre de Portugal. Este he o famosissimo em todas as idades: o eminētissimo em todas as pessoas: o assinaladissimo em todas as empresas: o celebradissimo em todas as historias, nome de Gusmão; & este he o q hoje vemos deixado pelo humilde da Cruz. Não sei se admire nesta eleição o virtuoso, se o discreto? Em fim a virtude, & o entendimento tudo me parece Angelico.

Quando os Anjos no sepulchro de Christo, perguntarão as Marias o que buscavão; vzaõ de differentes termos

Matth 28 (segundo diuersos Euangelistas.) O Anjo de S. Matheus perguntou se buscavão a Iesu crucificado: *Iesū qui crucifixus est queritis.* O Anjo de S. Marcos perguntou se buscavam a Iesu Nazareno crucificado: *Iesum queritis Nazarenum crucifixum.* Pois se o Anjo de S. Marcos chamou a Christo Iezu Nazareno crucificado; porque razão o Anjo de S. Matheus lhe chamou Iesu crucificado somente, & não fallou no Nazareno? O melhor comentador dos Euangelistas, o doutissimo Maldonado, notou aduertidamente, que o Anjo de S. Matheus appareceo como Anjo, & o Anjo de S. Marcos appareceo como homem. *Mattheus Angelum, Marcus hominem appellat.* He do texto. Porque S. Matheus diz assi. *Angelus Domini descendit de caelo qui dixit mulieribus:* Hũ Anjo do Senhor desceo do Ceo, que fallou ás mulheres. E S. Marcos diz assi. *Intrantes monumentum viderunt iuvenem*

seden-

sedentem: Entrando no sepulchro viram hum mancebo as-
sentado. E como o que fallou às Marias em S. Marcos, era
homem, & em S. Mattheus era Anjo; por isso o de S. Marcos
chamou a Christo Iesu Nazareno crucificado, & o de S.
Mattheus chamou-lhe Iesu crucificado sómente, & nam
fallou no Nazareno. Ora notai Entre o Nazareno, & o cru-
cificado a esta differença em Christo; que o Nazareno
era nome dos pays, o crucificado era nome da cruz: & an-
tepor o nome de Nazareno ao de crucificado, antepor o
nome dos pays ao nome da Cruz, isso fazê os Anjos q são co-
mo homens; mas tomar o nome de crucificado, e callar o de
Nazareno, tomar o nome da Cruz, & deixar o nome dos pa-
ys, isso fazê os Anjos q são como Anjos. O Anjo de S. Marcos
q fallou como homem da terra: *Viderūt iuvenē sedentē*, antepoz
o nome dos pays ao nome da cruz: *Iesū quærīt Nazarenū
crucifixū*. O Anjo de S. Mattheus, q fallou como Anjo do
Ceo: *Angelus Domini descendit de Cælo* tomou o nome da
Cruz, & deixou o nome dos pays: *Iesum qui crucifixus est
quærītis* O discriçõ mais q humana! O eleição verdadeira-
mẽte Angelica! Sei eu q as Marias ouvirão os Anjos, mas
nenhũa dellas aprêdeo a mudar o nome. Maria Magdalena
nam se chamou da Cruz, senão Magdalena: Maria Cleofè
nam se chamou da Cruz, senão Cleofè. Nam seberam
deixar o nome dos pays, & tomar o da Cruz aquellas Ma-
rias porque estaua este religiozoprino guardado pera ou-
tra, que na deuaçã auia de vencer as Marias, & na discri-
çã igualar os Anjos.

Mas assi como em casa de Zacharias se levantou ques-
tão sobre o nome do Baptista; assi he bem que a tenhamos
hoje aqui sobre este nome da Cruz. Quem lá contradisse o
nome de Ioão foraõ as pessoas mais authorizadas que assi ^{Toledo}
stão à celebridade da festa. *Qui venerant celebritatis gratia*
comenta o Cardel Toledo. Quem aqui impugnará o no-
me da Cruz, será também a pessoa mais authorizada que
assiste à celebridade da festa, q he que? Christo Sacramenta-
do. E assi como lá dizão que não se auia de chamar Ioão
senão

senão Zacharias: assi cá diz Christo que não se avia de cha-
mar da cruz, senão do Sacramento. Não he imaginação se
fundamento minha, he acomodação verdadeira tirada
com toda a propriedade, do texto. O nome que lá querião
dar ao Baptista era Zacharias. E Zacharias que quer dizer?
Quer dizer: *Memoria Domini*: A memoria do Senhor. Isso
mesmo he o Santissimo Sacramento da Eucharistia. He a
memoria do Senhor, q̃ elle nos deixou por prendas em sua
ausencia, *Hec quotiescunq̃ feceritis in mei memoriam facietis*.
Esta fundado. Agora pergunto eu. E que razão tem chris-
to Sacramento lo para dizer, que não quer que o nome
seja da cruz senão do Sacramento? A razão he muito for-
çosa. Porque professar Religiam mais he Sacramentarse,
que crucificar-se. Todos os factos communmente cha-
mam cruz ao estado Religioso: mas com licença sua eu di-
go, que o estado Religioso tem mais do Sacramento q̃ da
cruz. A razão em que se fundo he esta. Porque na cruz
morre Christo hã o Sacramento morre todos os
dias O sacrificio da cruz foi unico, mas foi unico; o sa-
cificio do altar he incruento, mas he quotidiano.

Joan. 15. A maior fineza do amor he morrer: *Miorem charitatem
nemo habet*; mas tem hum grande desar esta fineza, que quẽ
a faz não pode fazer outra. He a mayor fineza, mas he a vlti-
ma. E como Christo amava tam extremamente aos homẽs
& via que morrendo na cruz se acabava a materia a suas
finezas; que fez? Invenrou milagrosamente no Sacramẽto
hum modo de morrer sem acabar, pera morrendo poder
dar a vida, & não acabando poder repetir a morte. Esta he
a vantagem que leva em Christo o amor que nos mostrou
no Sacramẽto, ao amor que nos mostrou na Cruz. Na Cruz
morreo huã vez; no sacramento morre cadadia: na Cruz
deu a vida; no sacramento perpetuou a morte: A Esposa,
como quem melhor as sabe avaliar, nos dirã a verdade de
esta fineza. *Fortis est ut mors dilectio*, dura sicut infernus amula-
tio. O amor se he grande (que isso quer dizer *dilectio*) he co-
mo a morte, & se he mayor (que isso quer dizer *amulatio*)
he

Cont. 8.

he como o inferno. Notauel dizer! Porque razão compa-
ra Salamão o amor grande à morte, & o amor maior ao in-
ferno? Eu o direi. Entre a morte, & o inferno ha esta dif-
ferença, que a morte tira a vida, o inferno perpetua a mor-
te. Por isso o amor grande se compara á morte, & o ma-
yor ao inferno; porque mais he perpetuar a morte, que ti-
rar a vida: tirar a vida he morrer huã vez; perpetuar a mor-
te he estar morrendo sempre. Eis aqui a desigualdade do
amor de Christo na Cruz, & no Sacramento. Competio o
amor de Christo no Sacramento, & amor de Christo na
Cruz; o da Cruz foi como a morte, porque chegou a tirar
a vida: *Fortis est ut mors dilectio*; o do Sacramento foy como
o inferno, porque passou a perpetuar a morte: *Dura sicut in-
fernum amulatio*. E muito mais foi perpetuar a morte, que
tirar a vida; porque tirar a vida he morrer num instante,
perpetuar a morte he morrer toda a vida.

Eis aqui a razão porque o estado Religioso se parece
mais com o Sacramento, que com a Cruz. Na Cruz mor-
rese huã só vez, no Sacramento morrese cadadia. Sei que
disse S. Agostinho que sò os Martyres pagão a Christo a fi-
neza que fez em se deixar no Sacramento, porque morrão
por quem morre por elles. *Qui accedat ad Mēsam Principis debet
similia preparare, hoc beati Martires fecerūt*. Mas esta razam de
S. Agost. (denos licença olume da Igreja) impugnase facilme-
te. Porq̃ muitas mortes não se pagão cõ huã só morte: Chris-
to no Sacramēto morre todos os dias, os Martyres morrem
huã só vez: logo não pagão os Martyres a Christo no Sacra-
mento. Pois que diremós a isto? Digo que os martyres pa-
gam a Christo na Cruz, os Religiosos pagão a Christo no
Sacramento. Os Martyres pagam a Christo na cruz, por-
que morrem huã vez, por que huã vez morreo por elles: os
Religiosos pagam a Christo no Sacramento, porque mor-
rem cada dia por quem morre por elles todos os dias. Ha
quem o diga? Nam he menos Religioso, que o exemplar
de todos, sam Paulo. *Quotidie morior*: cadadia morro. De ma-
neira que assi como Christo no Sacramento inuentou hum
modo de morrer sem acabar, para morrêdo poder dar a vi-

da, & nam acabando por ser repetir a morte; a si os Patriarchas das Religiões (& melhor q todos o Serafico & seu diuino instituto) parecêdolhe pouco amor não morrer, e pouca morte morrer hũa sôves; acharão este modo milagro! amôte natural de viuer morrêdo pera na morte multiplicarê as entregas da vida, e na vida perpetuarê os sacrificios da morte

Grande lugar do Protopatriarcha das Religiões sam Basilio. Falla o grande Basilio das cellas das Religioens mais estreitas, & diz, que a cella de hũa alma religiosa he emula, he competidora da sepultura de Christo. *O cella Dominica sepultura amula!* Pois saibamos, que calidades tem hũa cella para tam nobre competencia? Em que presunções se fûda esta emulação? Que se cõpare a cella a qualq sepultura; justa semelhãça: porq onde o habito he hũa mortalha, o leito hũa ataude, as paredes tão estreitas, & cõ tão pouca luz, como estas q vemos, muito ha de sepultura. Sepultura si mas sepultura não outra, senão a de christo; porq razão? Porq nas outras sepulturas mora só a morte; na sepultura de christo morou a morte, & mais a vida juntas. Na sepultura de Christo estene a vida morta, e a morte resuscitada: & taes são as vossas cellas, o religiosos spiritos. *O cella dominica sepultura amula, qia mortuos suscipis & renouiscere facis.* O cella verdadeira mête imitadora da sepultura de christo, pois està em ti a vida morta, & a morte resuscitada: a vida morta, porq não têvlos a vida; a morte resuscita la, porq tê alitos a morte. Es hũa suspensão gloriosa de morte, e vida [i.e. bẽ gloriosa cõ pena] on le põsta a alma nas rayas do viuer, & morrer participa indicisamête o mais rigirioso de ambas: insensivel, como morta, pera o gozoso da vida; sensitiua, como viua, pera o penoso da morte. Enti se vê multiplicado o milagre natural da Feniz, sêdo patria. & sepulchro quotidiano, onde se morre a vida, & se nasce a morte, faltãdo cinzas, mas não faltãdo incêndios. Enti (e cõ maior propriedade he je) se vê verdadeira a metafora dos orizôtes, sêdo oriête, e occaso jutamente, ô se o Sol no mesmo instante morto, & nascido resuscita a hũa emisferio quãdo se sepulta a outro. Enti finalmente (cõ seres a melhor parte do paraíso) se vê sê fin gimen.

gimento a fabula do inferno, sendo cada Religioso espirito
hū Ticio em bēaventurāça de penas, q̃ não podēdo morrer
para morrer mais vezes, tē morta a vida & immortal a mor-
te: *Semper q̃, renascens non perit, ut possit saepe perire.* Não he mui-
to q̃ ache eu comparações no inferno ao maior sacrificio,
quā'to no inferno as bñs com a alma sacra ao maior Sacra-
mēto. De hū & outro se pode dizer cō grā se f' melbançar
Dura sicut infernus emulatio. E como o sacrificio da Religiam
por ser morte perpetuada, se par. c. mai. com o Sacramen-
to q̃ cō a cruz; sendo o officio dos nomes declarar a essen-
cia das cousas; parece q̃ quē professa Religião não se deue
chamar da Cruz, senão do Sacramento, *Et vocabant eum no-
mine patris sui Zachariam, hoc est, memoriam domini.*

Cō tudo responde S. Izabel: *Nequaquā.* Por nenhū caso.
E cō muita razão. Porq̃? Pella mesma, q̃ o persuade. Porq̃ se
o nome do Sacramēto diz tudo o q̃ bā no estado Rel gioso
& o nome da Cruz diz menos, pelo mesmo caso se deue to-
mar o nome da Cruz, & não o do Sacramento. Na eleição
dos nomes ha hūa grāde differēça tomada dos fins porq̃ se
elegē os nomes q̃ se tomão por verdade dizē tudo, os q̃ se
tomão por vaidade dizē mais, os q̃ se tomão por humildade
dizē menos. E como a mesma humil'ade que desprezou a
grādeza dos nomes paternos, foi a q̃ fez a eleição do nome
Religioso, por isso com discreta impropriedade escolheu o
nome diminutivo da Cruz, em q̃ he mais o q̃ se calla, q̃ o q̃
se diz. Como respōdo a Christo Sacramēta te, cō o mesmo
nome do Sacramēto quero cōfirmar a resposta. O Sacramē-
to do altar chama se corpo, & sangue de Christo. Elle nome
lhe deu o mesmo Senhor. *Hoc est corpus meū Hic est Calix san-
guinis mei.* Pergūto: & ha no Sacramento mais algũa cousa?
Ha alma, & ha diuidade. Pois se no Sacramento não sō está
corpo, & sãgue, senão tãq̃ alma, & diuidade, porq̃ senão
chama corpo, & alma, sãgue, & diuidade de Christo, senão
corpo, & sãgue somente? Porq̃ este nome deu o christo ao Sa-
cramēto na hora em q̃ se quiz mostrar mais humilde. A ho-
ra ē q̃ Christo se mostrou mais humilde. Foi a mesma em q̃
instituiu o Sacramēto de seu corpo, & sãgue, dizendo aos

Apostolos com a pureza do lauatorio: & a si com a humil-
dade de lhe lauar os pes. E como Christo poz o nome a es-
te misterio com aduertencias de humilde^z, por isso decla-
rou sómente o menos que nelle auia; que os nomes que
compõem a humildade sempre callão mais do q̃ dizem. O q̃
diz he corpo, & sangue; o q̃ calla he alma; & diuidade. O
mesmo passa no nosso caso: q̃ ainda q̃ senam tomou o no-
me ao Sacramento, seguioselhe o exemplo. Deixe se o no-
me do Sacramêto, porq̃ diz mais, tomase o nome da Cruz
porq̃ diz menos; q̃ se prezio o verdadeiro amor, do q̃ he, &
não do q̃ significa. Bastelhe a Religião ser Cruz *ex vi ver-
borum*, ainda q̃ seja muito mais *per concomitantiam*. Tão ju-
sto foy logo deixar se o nome de Zambarias quãto á signifi-
cação, como quãto á realidade: *Et ait mater eius nequaquam*.

Acabou senos o thema; & se me não engano tenho pôde-
rado todas as clausulas delle, cõ algũa semelhança às obri-
gações deste dia. Mas tãbẽ vejo q̃ reparariaõ os mais curio-
sos em q̃ passei em silencio aq̃llas palavras: *Audierunt vicini, &
cognati, & congratulabatur ei*. Cõfesso q̃ não fallei nestas pala-
uras; & tãbẽ cõfesso, q̃ as deixei porq̃ não achei nellas seme-
lhança, senão muita differença do nosso intento. *Cognati, & vi-
cini congratulabatur ei*. Lã no nacimêto do Baptista diz o Euã-
gelho, q̃ os parôtes, & os visinhos estauão muito cõtêtes, &
agradecidos; porẽ cã não he assi. Tãõ fora estã de poderem
estar cõtêtes os visinhos, & os parêtes; q̃ antes o parêtesco
& a visinhança tẽ rezaõ de estar queixosos. Tẽ razão o pa-
rentesco de estar queixoso, porq̃ se vê a si deixado: tẽ ra-
zão a visinbãça de estar queixosa, porq̃ vê os estranhos pre-
feridos. Quãto o sãgue se vê deixado, porq̃ não hade estar
queixoso o parentesco? E quando as estrangeiras se vem
preferidas às naturaes, porque nam hade estar queixosa a
visinhança? Nam se diga logo aqui: *Cognati, & vicini congra-
tulabantur ei*. Acudo a estas duas queixas, & acabo.

Primeiramente digo, q̃ não tẽ rezaõ o parêtesco d'estar
queixoso: porq̃ quando as obrigações do sangue se deixão
por amor de Deos, não he fazer offensa, he fazer lisonja ao
parentesco. Da parte de quẽ he deixado he sacrificio, mas

da

da parte de quem deixa he lícita. Tudo prouo. Hospedou
Martha a christo em sua casa, & tinha esta senhora hũa ir- Luc. 12
mã a quem o texto chama Soror Maria. *Et huic erat Soror no*
mine Maria: A qual se retirou cõ Christo, & assentada humil
de a seus pés, o estava ouuindo, & cõtẽplãdo. Chegou Mar
tha ao Senhor, & disse-lhe: *Dñe non est tibi cura quod Soror mea*
reliquit me solã ministrare? E bẽ senhor tão vos descudais de
mi, que não vedes que minha irmã me deixou só? Esta foi
a historia; duas sam as minhas ponderações. Digo que
Martha na queixa que fez de Maria offereceo hum gran
de sacrificio a christo, & Maria na occasiam que deu a
queixa, deu hũa grande satisfação a Martha.

Difficulto assi. Christo nam foi o q chamou a Maria; Ma
ria foi a q se assentou a seus pés sagrados. Pois se a occasião
justa, ou injusta da queixa a deu Maria, & não Christo; porq
propõe Martha a sua queixa a Christo. & nam a Maria? Porq
Martha nesta acção nam pretẽdeo tão dar queixas de Ma
ria, quanto offerecer sacrificios a christo. Como se differa
Martha. Nam cudeis Señor, q só Maria he a q faz as *hæzas*
q eu tãbẽ vos offereço as minhas. Maria sacrifica sua deua
çam, eu sacrificio minha solidade: *Reliquit me solã ministrare*
Ella offereceuos o estar cõ vosco, eu offereçouos o estar sã
ella. De sorte qẽ hũa acção auia alli dous sacrificios: hũ de
Maria porq se fora pera Christo, outro de Martha porq la deixa
ra Maria. Mas destes dous sacrificios qual he maior; o de Ma
ria, ou o de Martha? Eu nam me atreuo a dar sãtença nesta
causa. Sõ digo q se neste lugar prégara S. Pedro Crysologo *Chrysol*
auia de dizer q o sacrificio de Martha era maior q o de Ma
ria. Pergũta S. Pedro Chryl. quẽ fez mais, se Abraham *Gen. 32*
crificar a Isac; se Isac *ẽ* se ofrecer ao sacrificio. Resolue q
Abraham; & verdadeiramẽte tã a escriptura por sua parte. Po
is se Isac era a victima q auia de ficar morto: se Abraham
era o Sacerdote q auia de ficar vivo; como era, ou como po
dia ser q o sacrificio fosse maior *ẽ* Abraham q *ẽ* Isac? A razã
he esta. Porq Isac sacrificana a sua pessoa, Abraham sacrifica
ua a sua solidade: Isac offerecia se a ficar sã vida, Abraham
offerecia se a ficar sã Isac. E segũdo o muito q Abraham ama
ua aq̃lle filho, maior sacrificio fazia *ẽ* o dar a elle, q elle *ẽ*

se dar a si. Bẽ digo eu logo q̃ foi grãde sacrificio, e q̃ Martha offereceo a Christo entre suas queixas, pois lhe sacrificou não a enes q̃ a soledade de Maria. *Reliquit me solã ministrare.*

E q̃ Maria na mesma occasião, q̃ deu à queixa, deu hũa grãde satisfação a Martha, não ha duuida. Porq̃? Porq̃ deixar Maria a Martha não por amor doutrẽ, senão por estar cõ Christo, foi dizerlhe claramẽte: q̃ fazia tão grãde estimação de sua companhia, q̃ só por Deos a poderia deixar, & só cõ Deos a podia suprir. Vẽdo os filhos de Israel q̃ auia quarenta dias q̃ faltaua Moyses por estar fechado cõ Deos, de terminaraõ abalar do pé do monte, & irse. Feraõse ter cõ Araõ, & differão stã. *Fac nobis Deus qui nos pracedant Moysi enim huic viro nescimus quid acciderit: Araõ, fazeinos hũ Deos q̃ nos acõpanhe, porq̃ não sabemos q̃ feito he deste homẽ Moyses. Linda consequencia por certo! Dai cã hum Deos porq̃ falta Moyses. Moyses não era homem? Elles mesmos o diziaõ: *Moysi enim huic viro.* Pois se Moyses era homẽ porq̃ pediãõ hũ Deos em falta de Moyses? Porq̃ há presenças, q̃ só por Deos se podem deixar; & há ausencias q̃ sã cõ Deos se podem suprir. Como os Hebreos amauãõ tanto ao seu Moyses, & se viãõ forçados ao deixar, faz ãõ este discurso. Já que se hade deixar Moyses, sã por hũ Deos se hade deixar; & já q̃ se hade suprir cõ outro o seu lugar, sã com hum Deos se hade suprir. Por isso pediãõ a Araõ hũ Deos, & não outro substituto daquella ausência: *Fac nobis Deus qui nos pracedat* Esta satisfação derãõ os Israelitas a Moyses quando o queriaõ deixar, & esta foi a satisfação q̃ deu Maria a sua irmã quando a deixou. Deixou de estar cõ ella, mas por estar cõ Deos; *Qua etiã sedes secus pedes Domini.* Não tẽ logo razão o parentesco hoje de se mostrar sãdo, on queixãdo, se não contente, & agradecido. *Cognati congratulabantur ei.**

Et audierũt vicini. Tãbem senam deue queixar a vizinhãça de ver as Estangeiras preferidas às naturaes. E Porque? Porq̃ huã alma q̃ por mais seruir a Deos quiz ajutar a clausura com a peregrinação, necessariamente onue de deixar os naturaes, & buicar os estrangeiros. Huã das couas que muito agradou sempre a Deos em seus seruos foi a peregrina-

grinação. Por isso mandou a Abraão q' saísse peregrino de sua patria: por isso quiz q' peregrinasse Jacob em Mesopotamia; Joseph no Egypto: & ao mesmo povo querido de Israel porq' o escolheu para si, o fez peregrinar inteiro tantas vezes, & por tantos annos. E como Deos se agrada tanto dos peregrinos, (q' tambem o quiz ser neste mundo) q' faria hũa alma de se josa de agradar muito a Deos, vendose obrigada á clausura pelo seu estado, & inclinada á peregrinação pelo g' sto diuino? Peregrinação, & clausura não podem estar juntas: pois q' remedio? O remedio foi entrando em Religião, escolher bũ mosteiro de Estrâgelras; paraq' viesse desta maneira a achar jũtas a clausura, e a peregrinação: a clausura no lugar; a peregrinação na companhia. Quem cuidaria, q' era possível estar jũtamente em Portuga', & peregrinar em Flâdes? Pois isto he o q' vemos hoje cõ nossos olhos.

Falla David da peregrinação dos filhos de Israel para Palestina; & diz assi. *Cum exiret de terra Egypti linguam quam non nouerat audiuit.* Quando o povo sahio do Egypto ouuio a lingua q' nam entendia. Particular modo de reparar! Se David ponderaua a peregrinação dos Israelites parece q' auia de dizer q' passaram climas incognitos, q' caminharam terras desconhecidas. Pois porq' nam repara nas terras senam nas linguas? Porq' nam diz q' andaram por terras estranhas, senam q' ouuiram linguas estrangeiras? Porq' julgou discretamente o Profeta q' a formalidade da peregrinação consistia tanto na mudança dos lugares, quanto na differença das linguas. Não está o ser peregrino na estranheza das terras q' se caminbão, senam na estranheza da gente com q' se trata. *Cum exiret de terra Egypti linguam quam non nouerat audiuit.* Sahir de Egypto para onde se ouue outra lingua isso he peregrinar. E se he verdadeiro peregrinar, viver entre gente de lingua estranha, bẽ digo eu, q' e' isto aqui juntas milagrosamente a clausura, & a peregrinação: a clausura no lugar, a peregrinação na companhia. Não se ue logo de estar queixosa a visibilidade, posto que a quexa parecia justificada; antes tem obrigação as Religiosas por saquezas de se edificarem, & alegrarem muito de verem o

bre hum tam grande exemplo) hum tam nouo, & particu-
lar (pirito na profissão de seu estado, trocando as apparen-
cias do sentimento em motiuos de perabens. *Vicini congra-
tulabantur ei.*

Temos acabado o Sermam, & com elle as victorias do
Impossivel, que assi se chama. Doulhe este nome não só por
ser Sermam do Nascimento do Baptista, com o qual pro-
Luc. 1. uou o Aijo que nada era impossivel a Deos: *Quia non erit
impossibile apud Deum omne verbum;* senam por ser Sermam
desta profissam solemnissima que celebramos, na qual sem
aver reparado, deixo prouados seis impossiveis. No naci-
mento do Baptista vence-se hum impossivel, que foi a jun-
tar-se esterilidade com parto: *Elisabet peperit filium.* No ac-
to desta profissão vencera-se seis impossiveis, que forão os
que ordenadamente vimos em seis discursos. No primeiro
ajuntar-se a Corte com o deserto. No segundo a mocidade
com o desengano. No terceiro a grandeza cõ o desprezo.
No quarto a innocencia com o castigo. No quinto a vida
com a morte. No sexto a clausura com a peregrinaçam. E
seis impossiveis vencidos na terra, que deuem esperar se-
nam seis coroas ganhadas no Ceo? Daruos ha no ceo, es-
posa serenissima de Christo, a Corte com o deserto huã co-
roa de solitaria entre o coro dos Eremitas. A mocidade
com o desengano huã coroa de prudente entre o coro dos
Doutores. A grandeza cõ o desprezo huã coroa de hu-
milde entre o coro dos Apostolos. A innocencia com o
castigo huã coroa de penitente entre o coro dos Confesso-
res. A vida com a morte huã coroa de mortificada entre
o coro dos Martyres. A clausura com a peregrinaçam huã
coroa de peregrina entre o coro das virgões. Assi triumpho
quem se vence: assi alcança quem assi merece: assi goza
quem assi trabalha: assi reyna quem assi serue: nesta vida
a Deos por graça; na outra vida com Deos por gloria.
Quam mihi, & vobis, &c.

Taxa este Sermam em
de 1651.

reis. Lisboa 19. de Nouembro
Menses: Ribeiro,